



OS ESTUDOS URBANOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA E A FORMAÇÃO DE UMA INTELIGÊNCIA ESPACIAL MULTIESCALAR

Famara de Souza Lemos (1); Thalita Cristina Barroca da Silva (2); Eugenia Maria Dantas (3)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

¹famarasouza@hotmail.com ;²thatabarroca@hotmail.com; ³eugeniadantas@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo analisar o ensino de geografia na perspectiva dos estudos urbanos. Fundamentado teoricamente em autores que discutem a apreensão do lugar, da cidade, do mundo e das relações estabelecidas entre estes, numa abordagem multiescalar. Portanto, considera-se a cidade, o bairro, o cotidiano e a informação como escalas de análise da realidade espacial urbana, e a abordagem multiescalar enquanto método para a compreensão do atual mundo complexo em que vivemos. Almejamos sujeitos que possuam competências e habilidades para atender a inteligência espacial, atenta e articulada ao ensino de geografia, que visa, dentre outros objetivos, a formação cidadã. A realização dessa investigação baseia-se metodologicamente na interpretação de documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e a política pública do Plano Nacional do Livro Didático - PNLD e na experiência desenvolvida no estágio supervisionado de formação de professores. A partir da análise desses documentos e da experiência vivida, compreendemos quais as intencionalidades e orientações para o ensino de geografia; a importância do professor em criar estratégias que articulem o global e o local; e, por fim, a compreensão de que a inteligência espacial é sempre um jogo multiescalar, sendo o espaço um campo aberto para exercitar as regras desse jogo. Nesse contexto, o estudo do lugar, da cidade, do bairro, do cotidiano, embora lacunar, nas sistematizações do livro didático analisado, se transforma em uma potência criativa para o estudo do urbano, estabelecendo-se como um dos principais desafios e orientação das práticas docentes.

Palavras-chave: Inteligência espacial, Ensino de Geografia, Livro didático, Espaço Urbano.

1. Introdução

Ao nos debruçarmos numa análise da organização espacial do mundo globalizado podemos colocar a cidade como lócus da produção e reprodução de relações materiais e imateriais que permeiam a sociedade. No entanto, esta pode ser vista não apenas como um meio de expressão do sistema no qual se insere a sociedade contemporânea, como também o elo que aproxima tais relações dos sujeitos sociais participantes desta trama. Tratando deste modo, a cidade passa a ser, principalmente, o campo de vivências dos sujeitos, onde estes constroem suas histórias e estabelecem relações das mais variadas, o que lhes permite, também, fazer parte da constante modificação do espaço citadino, criando uma ligação identitária do sujeito com o lugar. Definir o valor desta conexão de identidade obtida através de vários fatores pode ser difícil quando se está inserido neste processo, mas é essencial, para que se possa compreender as interações nas mais diversas escalas do mundo contemporâneo.



Estabelecer uma compreensão do todo sem que se conheça o que está mais próximo, torna esta um saber incompleto e inconsistente, pois enxergar no cotidiano o processamento de conceitos que podem ser aplicados a escalas maiores, transforma o “conceito”, o qual parece distante e obscuro, em algo claro, real e concreto. Portanto é necessário acrescentar que, a apreensão do lugar, da cidade, do mundo e das relações estabelecidas entre estes, de um modo mais amplo e acessível, perpassa pelo conhecimento que é construído no ambiente escolar, e por isto a discussão do modo como estes saberes estão sendo levados até a escola, através do que está estabelecido nos currículos, nos livros didáticos e até nos planejamentos dos professores, torna-se imprescindível, para formação de um cidadão.

Nesta perspectiva, aqui se coloca em questão a análise direta de alguns instrumentos, atualmente norteadores do ensino de geografia no Brasil, de modo geral, focando nestes aspectos já colocados, as quais remetem aos processos referentes as cidades, a apropriação do conceito de lugar e ao estímulo no desenvolvimento da inteligência espacial o qual vem a ser de suma importância para a compreensão do ensino de geografia.

A existência de documentos que norteia a organização curricular, tais como Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, corroboradas pela política pública do Plano Nacional do Livro Didático – PNLD, indica um caminho para se compreender o ensino de geografia em sua dinâmica conceitual e prática. É importante perceber alguns aspectos gerais situados nesses documentos e sua intersecção na prática pedagógica escolar, levando-nos a compreender a relação entre flexibilidade dos discursos documentais e rigidez na organização dos conteúdos, que se apresentam ainda com um viés tecnicista e fechado em si mesmo. Nesse contexto, os livros didáticos, se constituem ferramentas nitidamente enquadrados em duas situações na sala de aula: uma primeira onde este é utilizado como o único meio pelo qual é possível obter conhecimento e a aula está totalmente restrita ao uso deste livro e ao que ele indica; e uma segunda (a grosso modo, está é uma situação mais incomum, tendo em vista observações feitas a priori), na qual o livro esta posto como uma ferramenta de uso didático que auxilia na construção do conhecimento dos alunos, mas que enfrenta dificuldades em sua viabilização, haja visto, em muitas situações se distanciar de espacialidades mais próximas do lugar e do cotidiano. É importante ressaltar que o planejamento do professor é, de certa forma, atrelado ao livro, sendo muitas vezes condicionado por ele.



A discussão escalar do espaço, considerando a dimensão da cidade, do bairro e do cotidiano apresenta-se nos documentos oficiais analisados como uma intencionalidade, no entanto a sua efetivação necessita de adequações por parte do professor criando estratégias para o seu uso em sala de aula. Desta feita, é necessário destacar que, embora as indicações estejam sinalizadas e o livro didático seja um espelho efetivo dessas sinalizações, o ensino de geografia a respeito das dimensões/escalas anteriormente indicadas requer a articulação com a paisagem, com a história, com as vivências e com o cotidiano dos alunos em suas diferentes trajetórias espaciais, exigindo uma ação autônoma do professor para criar situações de aprendizagem que extrapole, em certa medida, os documentos oficiais.

Tendo em vista que já foram colocadas informações pertinentes para que possamos fazer uma breve análise inicial do que desejamos tratar, de como tal assunto está sendo levado ao ambiente escolar, e alguns elementos essenciais para que este seja percebido pelos alunos, caminhamos para um aprofundamento da nossa discussão que busca estabelecer um diálogo direto de todos estes elementos, de modo, a contribuir para o desenvolvimento da compreensão da cidade em sala de aula.

2. Metodologia

A realização de nossa investigação segue alguns critérios metodológicos que nortearam nosso caminho. Iniciamos pela leitura e interpretação de alguns dos documentos oficiais, representados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e a política pública do Plano Nacional do Livro Didático – PNLD. A partir da análise desses documentos entendemos quais as intencionalidades e orientações para o ensino de geografia. Algumas considerações presentes nesses textos chamaram nossa atenção, principalmente, o que diz respeito ao conceito de lugar. Em que o estudo do lugar, da cidade, do urbano assume grande importância, estabelecendo-se como uma das principais preocupações e orientação das práticas docentes.

Encontramos nos documentos oficiais similaridades com nossos objetivos e reflexões de pesquisa. Selecionamos autores que discutem a apreensão do lugar, da cidade, do mundo e das relações estabelecidas entre estes, numa abordagem multiescalar. Desta feita, consideramos a cidade, o bairro, o cotidiano e a informação como escalas de análise da realidade espacial urbana para a compreensão do atual mundo complexo que vivemos. Almejamos sujeitos que possuam competências e habilidades para desenvolver a inteligência espacial, atenta e articulada ao ensino de



geografia, que visa, dentre outros objetivos, a formação cidadã. Nossa abordagem teórico-metodológica versa sobre as considerações feitas por CALLAI (2002); GARDNER (1994); GOMES (2013). Além de discussões conceituais e orientações pedagógicas, utilizamos de nossas experiências enquanto estudantes em processo de formação, para evidenciar como algumas de nossas ações e práticas realizadas em sala de aula podem servir de reflexão e contribuir com o desenvolvimento, visando a melhoria do ensino e a significativa aprendizagem dos alunos.

O uso de uma das principais ferramentas na educação básica, o livro didático, tornou-se um dos nossos objetos de análise. Por ser o material de uso do professor e dos alunos da rede básica, um dos responsáveis por conter uma transposição didática que facilite e contribua com o ensino, este é um dos focos de nossa investigação. Fomos ao livro objetivando aprofundar as leituras feitas nos documentos oficiais, principalmente o PNLD, e assim nos questionamos: qual a relação estabelecida entre o que está disposto no livro e os documentos que apresentam parâmetros aos currículos do conteúdo de geografia urbana?

Aprofundando a análise levantamos outras questões que nos orientam metodologicamente a responder nossas reflexões sobre como a realidade urbana se insere nos conteúdos de geografia. E para ir mais além, buscamos observar de que forma o urbano é discutido nos conteúdos do livro; como as imagens – sendo estes mapas, tabelas, gráficos, fotografias, infográficos estimulam a percepção espacial dos alunos; se o livro auxilia o aluno a refletir e buscar solucionar problemas relacionados ao local; se preza pela abordagem multiescalar enquanto método; se realiza articulação e interdisciplinaridade com as demais áreas do conhecimento e com a realidade do lugar. De modo geral, como esta ferramenta auxilia o professor em seu trabalho, e o aluno em sua construção do conhecimento, formação cidadã e estimula a inteligência espacial.

Relembramos que todas as questões tratam do ensino de geografia, tendo como foco principal os estudos urbanos, e mais especificamente o incentivo a compreensão do lugar, da cidade como lócus de vivência da população, e ponto de partida para compreender conceitos, conteúdos, fenômenos e problemas que se espacializam nas cidades.

A análise desses materiais permitiu entender como os estudos urbanos são explorados de forma significativa no ensino de geografia. E para dar voz aqueles que estão cotidianamente e diretamente inseridos na escola, tivemos como campo de pesquisa a Escola Estadual Berilo Wanderley, localizada em Natal-RN. A escola foi o lugar de realização das atividades de estágio



supervisionado de formação de professores, nela tivemos a oportunidade de nos aproximarmos do cotidiano escolar, vivenciar os desafios e alegrias no exercício da atividade docente.

Nesse espaço realizamos nossa atividade prática docente e fizemos parte do diálogo entre professor supervisor, alunos, enquanto professores estagiários. Apropriamo-nos da coleção de livros didáticos Geografia – Espaço e Vivência, publicado pela editora Saraiva, inserido no PNLD 2015 e adotados pela escola, para avaliar e investigar a transposição didática dos estudos urbanos no ensino de geografia.

A partir desse caminho metodológico que envolveu a leitura e interpretação das intencionalidades presentes nas orientações e parâmetros do ensino no Brasil, a análise do livro didático – principal ferramenta de apoio a professores e alunos, o estudo do lugar, da cidade enquanto forma de almejar a aprendizagem e compreensão significativa da realidade espacial, pretendida pelo ensino de geografia. Considera-se ser possível discutir a relação entre as diferentes escalas de abordagem do conteúdo de geografia urbana, mostrando as insuficiências, complementaridades, articulações que são importantes para a formação de uma “inteligência espacial” em uma perspectiva multiescalar.

3. Resultados

A partir dos questionamentos feitos nos debruçamos sobre os documentos oficiais que norteiam a educação no Brasil, destacando os objetivos, orientações e intencionalidades, que visam estimular a reflexão e o diálogo entre escolas e professores sobre o ensino. Analisando os documentos oficiais apresentados anteriormente, temos a dimensão do que se pretende ensinar no componente curricular geografia.

Antes de nos debruçarmos sobre a análise dos documentos, é preciso compreender que estes nos oferecem orientações e parâmetros, não trazem, e não buscam oferecer dogmas, métodos ou manuais de como ser professor, de como planejar, criar e ministrar aulas; são instrumentos de apoio criados com a intenção de gerar o diálogo, e estimular a reflexão sobre a prática docente por parte dos professores, das escolas e dos alunos. Almejando construir uma escola de qualidade, onde haja a inserção dos alunos de forma inclusiva, democrática e cidadã, e com isso contribuir para o desenvolvimento do país. Sendo assim, para garantir a democratização do acesso, as condições de permanência, e a melhoria do aprendizado, faz-se necessário refletir sobre as práticas docentes.



Partindo da análise do conteúdo do PCN e das Orientações Curriculares, temos o primeiro como mais amplo, discutindo a institucionalização da Geografia no Brasil, os temas geográficos em diálogo com os temas transversais, o qual ao tratar do estabelecimento das relações entre o homem e a natureza, abrange uma série de temas e discussões importantes para construção do aluno como cidadão. As Orientações Curriculares objetiva ampliar e avançar nas discussões presentes no PCN, redirecionando o foco, e trabalhando com o ensino médio, e nas habilidades e competências da geografia pretendidas nesse nível de ensino.

Sobre o ensino médio, campo e foco de nossa investigação, as Orientações Curriculares apresentam competências e habilidades que devem ser desenvolvidas visando à formação das capacidades, e das qualidades do fazer, pensar e agir desses sujeitos. Primeiramente, faz-se necessário compreender esse terceiro nível da educação básica, levando em consideração o perfil do aluno de ensino médio, e o que se espera da Geografia enquanto participante desse processo de formação dos jovens.

A escolarização do jovem deve organizar-se como um processo intercultural de formação pessoal e de (re) construção de conhecimentos socialmente relevantes, tanto para a participação cidadã na vida pública, quanto para a inserção no mundo do trabalho e no prosseguimento dos estudos. (PNLD 2015 – Ensino Médio, p. 38).

Compreender a realidade é um dos objetivos previsto no componente curricular de geografia, e para isso se fundamenta no corpo teórico-metodológico dos conceitos: paisagem, espaço, território, região, rede, lugar e ambiente.

Quando aproximamos nossa análise para entender como se dá no real e não apenas no teórico, as práticas e estratégias realizadas pelos professores encontraram outros elementos, sejam eles de ordem prática ou teórica que nos mostram como a educação é constituída em suas políticas, ações e ferramentas no sistema educacional. Um desses elementos é o Plano Nacional do Livro Didático - PNLD, política pública criada para avaliar e distribuir uma das principais ferramentas que constituem a escola brasileira: o livro didático.

O PNLD tem como objetivo analisar e fornecer livros didáticos, aos alunos e professores da rede pública de ensino, em todos os níveis da educação básica. É responsável pelo processo de avaliação que determina quais obras podem chegar as escolas. Especificamente para o componente curricular geografia analisa à inserção dos fundamentos necessários para a formação de cidadãos, em um mundo diverso, complexo e multidimensional, como o atual.



A constituição do livro didático enquanto uma das principais ferramentas no desenvolvimento do processo educativo como apoio ao professor em sala de aula, e aos alunos enquanto o uso em suas rotinas de estudo, torna-o um dos elementos relevantes a investigação sobre como ocorre a transposição didática no ensino de geografia, e como esta ferramenta aproxima os conceitos, conteúdos, fenômenos e problemas a realidade dos alunos, considerando uma abordagem multiescalar enquanto método para o ensino de geografia, e estimulando a formação da inteligência espacial dos alunos.

3.1 Análise da coleção Geografia – Espaço e Vivência em consonância com os objetivos de investigação

Em diálogo com a resenha presente no Guia de Livros do PNLD(2015) construímos nossa análise e síntese da coleção Geografia – Espaço e Vivência da editora Saraiva, adotada pela E.E. Berilo Wanderley. O nosso objetivo de investigação visava identificar como as questões da cidade, do cotidiano, do bairro são tratadas na abordagem do livro. Ressaltamos que trazemos o livro de volume 1 da coleção, pois os demais seguem a mesma lógica de apresentação, variando apenas os conteúdos.

O livro de volume 1 está estruturado em três unidades e 16 capítulos. As unidades tratam, respectivamente, sobre “A representação do espaço geográfico”; “A dinâmica da natureza e as paisagens geográficas”; “A sociedade e a construção do espaço geográfico”. Percebemos que este livro tem um caráter introdutório, trazendo uma maior gama de conceitos e conteúdos, se comparados aos outros volumes.

Nesse panorama geral, investigamos como o urbano é discutido nos conteúdos específicos do livro, focalizando numa abordagem multiescalar, que leva em consideração o estudo do lugar, da cidade. Partindo da análise do conteúdo das imagens – mapas, ilustrações, croquis, tabelas, gráficos presentes no livro; do uso de exemplos para explicar um fenômeno ou problema; da articulação através da interdisciplinaridade com outras ciências; da aproximação multiescalar para compreensão de conceitos; da problematização de questões e o estímulo ao posicionamento crítico para interpretação da realidade local.

A primeira unidade “A representação do espaço geográfico” tem por objetivo revisar um conteúdo intrínseco a geografia, a cartografia. Essa unidade é repleta de mapas, esquemas, quadros e fotografias que permitem ao aluno interpretar a partir de diversos pontos de vista. A cartografia no



livro é estudada de modo interessante, pois traz a atualidade de seu uso, estudando as diversas imagens cartográficas que fazem parte da sociedade atual, portanto do cotidiano dos alunos, através de aplicativos de smartphone e páginas na internet.

Aprofundando o estudo e verticalizando a análise para a leitura dos mapas como forma de leitura da paisagem, o livro traz uma análise local da cidade do Rio de Janeiro. Utilizando de fotografias, pinturas e croquis demonstra como essas formas de representação, de linguagem não-verbal servem para visualizar uma paisagem, e afirma que os mapas também são uma possível forma de representar o espaço.

A utilização da cidade do Rio de Janeiro enquanto exemplo de paisagem, faz parte de uma abordagem multiescalar que se apropria de uma metrópole nacional de muita visibilidade para representar e demonstrar algo. Nesse ponto encontramos alguns dos objetivos presentes dentro dos parâmetros curriculares na área de Geografia:

Orienta-los a compreender a importância das diferentes linguagens na leitura da paisagem, desde as imagens, música e literatura de dados e de documentos de diferentes fontes de informação, de modo que interprete, analise e relacione informações sobre o espaço. (PCN, 1998, p.35)

A segunda unidade “A dinâmica da natureza e as paisagens geográficas”, inicia a discussão sobre a forma como a dinâmica da natureza caracteriza as paisagens, moldando-as de acordo com fenômenos da atmosfera, troposfera, litosfera e hidrosfera. Nesse livro, e especificamente nessa unidade, há sempre a possibilidade de interdisciplinaridade com as disciplinas de ciências da natureza e ciências humanas. estabelecendo desde conexões físicas e biológicas na explicação de um fenômeno, a relação dos aspectos antropológicos da cultura articulada aos elementos naturais.

Outro aspecto que o livro ressalta é a percepção espacial do lugar, orientando o professor a questionar os alunos sobre os fenômenos da natureza que ocorrem na região onde vivem, através da observação e percepção das estações do ano, do regime de chuvas, das marés, a previsão do tempo. Estimulando-os a destacar na paisagem elementos que mostram essa dinâmica da natureza, e articulando os saberes e conceitos aprendidos sobre outros locais no mundo, a realidade espacial local. O estudo do urbano nesse conteúdo é escasso, porém é largamente utilizado para mostrar e exemplificar alguns fenômenos.

O uso das metrópoles como principais exemplos no livro faz sentido devido à visibilidade que estas têm no cenário nacional. Entretanto, a falta de exemplos e associações a outras metrópoles brasileiras, principalmente as regionais, empobrece a exposição dos fenômenos, e limita a



observação dos alunos. O viés dado ao estudo da natureza no livro visa à compreensão de como uma metrópole apresenta problemas decorrentes da relação homem e natureza, e busca a solução de problemas das metrópoles apresentadas. Porém o mesmo não é estimulado observando a realidade regional e/ou local, desconsiderando as cidades médias, e seus problemas causados por processos semelhantes aos das metrópoles.

A terceira unidade “A sociedade e a construção do espaço geográfico”, discorre sobre a sociedade e o desenvolvimento de técnicas e conhecimento para dominar, sobreviver e se adaptar aos diferentes ambientes terrestres. O foco do capítulo é perceber a ação da sociedade e sua interferência na natureza, em que o trabalho é a expressão maior disso. A paisagem nessa unidade, assim como nas demais, é um dos principais conceitos do livro, pois dá visibilidade a todos os fenômenos, já que é a expressão do espaço/tempo dos processos existentes na sociedade. Na relação capital, mudança no processo produtivo, trabalho, aperfeiçoamento de técnicas produtivas, industrialização e urbanização, o mundo urbano é discutido. A forma como a cidade aparece na terceira unidade é decorrente da mudança no processo produtivo que altera a função, o uso e a paisagem dos espaços urbanos e rurais a partir do século XVIII. Nesse sentido, a morfologia da cidade é discutida, e também o seu ritmo, suas atividades, sua paisagem.

Na seção Arquivo Geo para relacionar as modificações a partir das relações espaço-temporais, aproxima a realidade nacional e propõem a análise da paisagem do Rio de Janeiro, as alterações permitem avaliar o nível de transformação do espaço urbano carioca, que, sobretudo durante o século XX, foi adaptado às tecnologias da era industrial. Relacionando a paisagem do Rio de Janeiro com a realidade local, o livro questiona se a cidade onde o aluno vive passou por essas transformações na paisagem, e pede para citar exemplos que consideram “marcas” dessa transformação.

A organização de um livro, embora esteja alicerçadas nos documentos oficiais, principalmente o PNLD, se constitui uma escolha, e, portanto a sua abordagem, em grande medida priorizando a escala global dos fenômenos, relativiza a dimensão local ou mesmo regional dos fenômenos. Os contextos, os problemas, os exemplos buscam especificar cenários mais abrangentes tornando o conteúdo e o conceito algo geral. Essa situação requer do professor estratégias de interpretação que leve o conteúdo e o conceito para ser discutido e apreendido em escalas local e regional.



Considerando a leitura da síntese do guia de livros do PNLD (p.52-56), percebemos que esta coleção apresenta uma abordagem contemporânea, atualizada e problematizadora do espaço, na medida em que aborda escalas, fenômenos e conceitos, ainda assim, é insuficiente para permitir as reflexões aportada em escalas locais. Desta feita, o estímulo a inteligência espacial requer do professor a construção de estratégias que favoreçam o diálogo, a articulação, a criação de situações de aprendizagem que ainda não estão prontas, muito embora, possam estar sinalizadas em diferentes documentos, como os livros didáticos.

4. Discussão

Numa perspectiva o uso do livro didático se constitui uma porta de entrada e uma passagem para investigar o uso do conceito de cidade na sala de aula, partindo do pressuposto referente às representações dos conceitos de paisagem, lugar e inteligência espacial; os quais ocasionam discutir em uma visão mais ampla, como o olhar mais atento a paisagem do lugar em que o aluno vive pode facilitar à compreensão de outros conceitos também explorados nas aulas de geografia, bem como trazem impressos em suas exposições a valorização da cultura e do cotidiano dos discentes. As referências do livro que se aportavam em dados, mapas e referências espaciais gerais se tornaram desafios didáticos para refletir sobre a realidade local, onde a escola estava inserida.

A escolha de trabalhar a escala local, lacuna em parte apresentada pelo livro, torna-se a potência criadora para trabalhar em sala de aula as questões locais. Essa ideia é reiterada por Callai (2002, p.84), quando diz que o nível local traz em si o global, assim como o regional e o nacional; ressaltando a importância da compreensão do lugar vivido pelo discente, para que este possa elevar seu entendimento a realidades e conceitos semelhantes experimentados em outros locais. Não esquecendo a importância de se desprender da ideia de linearidade que possa ser estabelecida entre as relações dadas pelas escalas (global, regional, local), pois estas se dão de forma singular e, portanto impedidas de ser enquadradas numa visão fechada, que as enxergue apenas por um viés.

O trabalho com o cotidiano do aluno também ressalta a forma como este enxerga o mundo e a dinâmica de relação entre o natural e o social, evidenciando nas inferências em sala de aula quais as correlações que este faz a partir do senso comum e de sua experiência de vida.

A inteligência espacial é uma das mais importantes a ser desenvolvidas ao longo da vida, a partir desta podemos elencar objetos e imagens nas mais diversas situações, fazendo sua identificação, análise e inclusive modificações de acordo com situações as quais forem submetidos.



Trazer à tona a importância desta para uma discussão mais abrangente cabe levar em consideração a relação direta que tal inteligência possui com o desenvolvimento das demais em cada indivíduo, este embricamento proporciona o uso consciente das capacidades mentais de modo a auxiliar o ser em sua compreensão, do mundo e de suas funções cotidianas, bem como propor mudanças e soluções de problemas diariamente.

Para que haja desenvolvimento da inteligência espacial o trabalho com imagens é essencial, pois esta se conecta diretamente a visão do ser humano, ter a habilidade de enxergar objetos de dimensões bidimensional e tridimensional, mesmo que estes não estejam a seu alcance imediato e, fazer possíveis modificações nelas, está entrelaçado com trabalhos e exercícios de imagens como meio de estímulo ao pensamento espacial.

Dito isto se destaca que há necessidade no alcance de objetivos e capacidade para que seja concretizada de fato as habilidades proporcionadas pela inteligência espacial, sendo estes basicamente: a capacidade de reconhecer exemplos do mesmo elemento; A capacidade de transformar ou reconhecer uma transformação de um elemento em outro; A capacidade de evocar formas mentais e então transformar essas formas; A capacidade de produzir uma representação gráfica de informações espaciais e similares, segundo Gardner (1994).

No âmbito educacional, em especial na relação que pode se estabelecer entre tal inteligência e os conhecimentos geográficos, é importante que se apreenda e estimule os processos que auxiliam no desenvolvimento de tal inteligência pois estes ajudam na consolidação dos conceitos geográficos tendo em vista que tal ciência visa o estudo do próprio espaço. Em sala de aula, recursos como o trabalho com a análise de paisagens, a construção de esquemas conceituais a análise de mapas compõem um conjunto de ações que estimulam o desenvolvimento da inteligência espacial nos alunos.

Assim, em um cenário espacial em que a compreensão do bairro, do cotidiano e da informação se constituem fundamentais para a consecução de uma Geografia da visibilidade como sugere Gomes (2013), a modelagem do espaço uma construção plástica, flexível e móvel, na medida em que é processada a partir de diferentes escalas geográficas. Acreditamos que essa abordagem multiescalar é facilitadora no processo de aprendizagem significativa, estimula a inteligência espacial e cumpre o objetivo do ensino de geografia uma formação cidadã.



5. Conclusão

De acordo com o que temos discutido podemos afirmar que os documentos oficiais apontam possibilidades de ensino e que o livro didático, aportado nessas diretrizes, acompanha, em partes, o que definem. Nesse sentido, é de fundamental importância para o professor se apropriar das ideias que nos documentos para perceber as lacunas que se apresentam nos livros, podendo, a partir daí, criar estratégias mais eficazes de uso do livro didático em sala de aula. Essas estratégias visam em certa medida preencher as lacunas escalares que a abordagem dos conteúdos apresenta, ou seja, criando possibilidades de discutir um problema em diferentes escalas geográficas, o que inclui, necessariamente, a local e a regional.

A partir da análise desses documentos e da experiência vivida, entendemos quais as intencionalidades e orientações para o ensino de geografia, dados pelos documentos e o livro; a importância do professor em criar estratégias que articulem o global e o local; e por fim, a compreensão de que a inteligência espacial é sempre um jogo escalar, senão multiescalar; sendo o espaço um campo aberto para exercitar as regras desse jogo. Nesse contexto, o estudo do lugar, da cidade, do bairro do cotidiano, embora lacunar, nas sistematizações do livro didático analisado, se transforma em uma potência criativa para o estudo do urbano, estabelecendo-se como um dos principais desafios e orientação das práticas docentes.

Referências Bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Guia do Livro Didático de Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o Ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SEB, 2006. v.3
- BOLIGIAN, Levon; ALVES, Andressa. **Geografia: Espaço e vivência**. 2. Ed. São Paulo: Saraiva, 2013.
- CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et. Alii (org.). **Ensino de Geografia, prática e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004. p. 83-134.
- GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- GOMES, Paulo César da Costa. **O lugar do Olhar**. Rio de Janeiro, 2013.